



**Willian Douglas Guilherme
(Organizador)**

**Avaliação, Políticas e Expansão
da Educação Brasileira**

Willian Douglas Guilherme
(Organizador)

Avaliação, Políticas e Expansão da
Educação Brasileira

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
A945	Avaliação, políticas e expansão da educação brasileira [recurso eletrônico] / Organizador Willian Douglas Guilherme. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Avaliação, Políticas e Expansão da Educação Brasileira; v. 1) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-476-4 DOI 10.22533/at.ed.764191007 1. Educação – Brasil. 2. Educação e Estado. 3. Política educacional. I. Guilherme, Willian Douglas. II. Série. CDD 379.981
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O livro “Avaliação, Políticas e Expansão da Educação Brasileira” contou com a contribuição de mais de 270 artigos, divididos em 10 volumes. O objetivo em organizar este livro foi o de contribuir para o campo educacional e das pesquisas voltadas aos desafios atuais da educação, sobretudo, avaliação, políticas e expansão da educação brasileira.

A temática principal foi subdividida e ficou assim organizada:

Formação inicial e continuada de professores - **Volume 1**

Interdisciplinaridade e educação - **Volume 2**

Educação inclusiva - **Volume 3**

Avaliação e avaliações - **Volume 4**

Tecnologias e educação - **Volume 5**

Educação Infantil; Educação de Jovens e Adultos; Gênero e educação - **Volume 6**

Teatro, Literatura e Letramento; Sexo e educação - **Volume 7**

História e História da Educação; Violência no ambiente escolar - **Volume 8**

Interdisciplinaridade e educação 2; Saúde e educação - **Volume 9**

Gestão escolar; Ensino Integral; Ações afirmativas - **Volume 10**

Deste modo, cada volume contemplou uma área do campo educacional e reuniu um conjunto de dados e informações que propõe contribuir com a prática educacional em todos os níveis do ensino.

Entregamos ao leitor a coleção “Avaliação, Políticas e Expansão da Educação Brasileira”, divulgando o conhecimento científico e cooperando com a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Boa leitura!

Willian Douglas Guilherme

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A EDUCAÇÃO SUPERIOR E A FORMAÇÃO DE PROFISSIONAIS REFLEXIVOS	
Diego Bechi	
DOI 10.22533/at.ed.7641910071	
CAPÍTULO 2	17
A FORMAÇÃO DOS PROFESSORES DE INGLÊS PARA FINS ESPECÍFICOS E SUA RELAÇÃO COM A QUALIDADE SOCIAL DO ENSINO	
Liamara Baruffi	
DOI 10.22533/at.ed.7641910072	
CAPÍTULO 3	27
A MATERIALIZAÇÃO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA REPRESENTAÇÃO DE PROFISSIONAIS DO MAGISTÉRIO DA EDUCAÇÃO BÁSICA	
Luiz Carlos Lückmann	
DOI 10.22533/at.ed.7641910073	
CAPÍTULO 4	39
CONTRIBUIÇÕES DA CULTURA DIGITAL NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DOS LABORATÓRIOS DE INFORMÁTICA EDUCATIVA EM SANTARÉM-PARÁ	
Adriane Panduro Gama	
Tânia Suely Azevedo Brasileiro	
DOI 10.22533/at.ed.7641910074	
CAPÍTULO 5	56
DESAFIOS E POSSIBILIDADES DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES A DISTÂNCIA	
Patrícia Aparecida da Cunha	
DOI 10.22533/at.ed.7641910075	
CAPÍTULO 6	64
DESIGN EDUCACIONAL NA ELABORAÇÃO DE MATERIAIS DIDÁTICOS PARA CURSOS ONLINE: UMA PROPOSTA DE FORMAÇÃO DOCENTE	
Edilene Cândido da Silva	
Juliana Teixeira da Câmara Reis	
Raiane dos Santos Martins	
DOI 10.22533/at.ed.7641910076	
CAPÍTULO 7	72
EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E A FORMAÇÃO DOCENTE: ANALISANDO O PROJETO VISITANDO A BIOLOGIA DA UEPG	
Fernanda Mendes Ferreira	
Fernanda Verônica Fleck Pereira	
José Fabiano Costa Justus	
DOI 10.22533/at.ed.7641910077	

CAPÍTULO 8	83
FORMAÇÃO DE GESTORES DAS ESCOLAS PÚBLICAS: UMA ANÁLISE NO ÂMBITO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS	
Eridan Rodrigues Maia Aída Maria da Silva Marcia Betania de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.7641910078	
CAPÍTULO 9	99
FORMAÇÃO DOCENTE PARA O DESENVOLVIMENTO DO TRABALHO EDUCATIVO: COMPREENSÕES DOS PROFESSORES DE LIBRAS	
Graciele Alice Carvalho Adriano Ana Clarisse Alencar Barbosa Mônica Maria Baruffi Patrícia Cesário Pereira Official	
DOI 10.22533/at.ed.7641910079	
CAPÍTULO 10	110
FORMAÇÃO EM CONTEXTO COMO ESTRATÉGIA DE MELHORIA DA OFERTA EDUCATIVA EM EDUCAÇÃO INFANTIL	
Rosemeri Henn Marlene da Rocha Migueis	
DOI 10.22533/at.ed.76419100710	
CAPÍTULO 11	122
FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES/AS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: CORPO, CULTURA DE MOVIMENTO E JOGOS INDÍGENAS	
Camila Ursulla Batista Carlos Glycia Melo de Oliveira Moaldecir Freire Domingos Junior	
DOI 10.22533/at.ed.76419100711	
CAPÍTULO 12	132
LETRAMENTO PARA O TRÂNSITO: EVENTOS E PRÁTICAS NA FORMAÇÃO DE CONDUTORES DE VEÍCULOS	
Klébia Ribeiro da Costa Ana Maria de Oliveira Paz	
DOI 10.22533/at.ed.76419100712	
CAPÍTULO 13	144
NAS RUAS E NAS DELEGACIAS O MUNDO É OUTRO: REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO EXPERIENCIAL DO POLICIAL CIVIL	
Elton Basílio de Souza José Geraldo Pedrosa	
DOI 10.22533/at.ed.76419100713	

CAPÍTULO 14	156
O IMPACTO DO PIBID NA EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO PROFISSIONAL DOS ALUNOS DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UFPB	
Bruna Tavares Pimentel Heytor de Queiroz Marques Raphaella Ferreira Mendes Weverson Bezerra Silva	
DOI 10.22533/at.ed.76419100714	
CAPÍTULO 15	166
O PAPEL DO TRABALHO EM GRUPO NA FORMAÇÃO DA AUTONOMIA DO PENSAMENTO: UMA ABORDAGEM PIAGETIANA	
Rosenei Cella Rosana Cristina Kohls Ivana Aparecida Weissbach Moreira	
DOI 10.22533/at.ed.76419100715	
CAPÍTULO 16	172
POLÍTICAS PÚBLICAS E A LEGISLAÇÃO: RECORTE VOLTADO PARA A EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSIVA E A FORMAÇÃO DOCENTE	
Luciane Helena Mendes de Miranda	
DOI 10.22533/at.ed.76419100716	
CAPÍTULO 17	184
POLÍTICAS PÚBLICAS PARA A DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: REFLEXOS DA FORMAÇÃO CONTINUADA NO FAZER PEDAGÓGICO DE PROFESSORES ALFABETIZADORES	
Giovanna Rodrigues Cabral	
DOI 10.22533/at.ed.76419100717	
CAPÍTULO 18	195
REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO MATEMÁTICA DO PROFESSOR DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL	
Mateus De Souza Coelho Filho Evandro Luiz Ghedin	
DOI 10.22533/at.ed.76419100718	
CAPÍTULO 19	211
TRABALHO E EDUCAÇÃO NA FORMAÇÃO DOCENTE	
Jacir Mario Tedesco Filho Matilde Dias Martins Pupo Sandra Terezinha Urbanetz Simone Urnauer	
DOI 10.22533/at.ed.76419100719	
CAPÍTULO 20	216
CEALE: SIGNIFICADOS APRESENTADOS POR DOCENTES ALFABETIZADORES	
Bernarda Elane Madureira Lopes Cristiana Fonseca de Castro Elisa Carneiro Santos de Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.76419100720	

CAPÍTULO 21	229
DESAFIOS DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL: REFLEXÕES SOBRE A PRODUÇÃO DE TEXTOS	
Andréa Cristina Maggi	
Ivo de Jesus Ramos	
DOI 10.22533/at.ed.76419100721	
CAPÍTULO 22	243
IDENTIDADES PROFISSIONAIS DE UM GRUPO DE PROFESSORES EM UMA ESCOLA PÚBLICA E O CONCEITO DE FUNÇÃO DOCENTE FORMATIVA: NARRATIVA DE MEMÓRIA	
Fernando Lucas Oliveira Figueiredo	
Santuza Amorim da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.76419100722	
CAPÍTULO 23	258
VISÃO DO PROFESSOR PESQUISADOR E FORMADOR ANTE A PROPOSTA DO CURSO DE APERFEIÇOAMENTO DOCÊNCIA NA ESCOLA DE TEMPO INTEGRAL	
Marta Rosa Borin	
Neida Maria Camponogara de Freitas	
Heliana de Moraes Alves	
DOI 10.22533/at.ed.76419100723	
CAPÍTULO 24	269
CUIDAR E EDUCAR:UM ESTUDO SOBRE A CAPACITAÇÃO DE CUIDADORES EM INSTITUIÇÃO DE ACOLHIMENTO	
Bianca Cristina dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.76419100724	
CAPÍTULO 25	278
ME FORMANDO PROFESSORA: MAGISTÉRIO, PEDAGOGIA E O PIBID	
Pamela Fonseca Costa	
DOI 10.22533/at.ed.76419100725	
CAPÍTULO 26	284
REFLEXÕES SOBRE FORMAÇÕES CONTINUADAS PARA PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA	
Malcus Cassiano Kuhn	
Michele Roos Marchesan	
Naiara Dal Molin	
Helena Miranda da Silva Araújo	
DOI 10.22533/at.ed.76419100726	
CAPÍTULO 27	295
O ENSINO DA MATEMÁTICA NO PACTO NACIONAL PELA ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA: UMA ANÁLISE DO CADERNO DE APRESENTAÇÃO	
Suellen Cristina Marciano	
Daniela Paula da Silva Mariano	
Roberta Negrão de Araújo	
DOI 10.22533/at.ed.76419100727	
SOBRE O ORGANIZADOR.....	307

IDENTIDADES PROFISSIONAIS DE UM GRUPO DE PROFESSORES EM UMA ESCOLA PÚBLICA E O CONCEITO DE FUNÇÃO DOCENTE FORMATIVA: NARRATIVA DE MEMÓRIA

Fernando Lucas Oliveira Figueiredo

Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG
– Faculdade de Educação – FAE – Belo Horizonte
– Minas Gerais.

Santuza Amorim da Silva

Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG
– Faculdade de Educação – FAE – Belo Horizonte
– Minas Gerais.

RESUMO: Este artigo pretende analisar a aplicação do conceito de formação humana nas escolas básicas através de relatos de professores(as) de uma escola estadual do município de Belo Horizonte, MG. Primeiramente foi realizada uma discussão conceitual sobre formação humana. Em seguida, realizou-se uma breve discussão sobre identidade(s) e identidade(s) profissional(is) docente para, num terceiro momento, verificar como o conceito de formação humana é aplicado pelos(as) docentes pesquisados(as) e suas interferências nas formas identitárias desse grupo. Por fim, apontaram-se possibilidades de mudanças e permanências na formação que possam melhorar a humanização do ensino nas escolas básicas. A metodologia utilizada foi a narrativa de memória e relato através de questionário estruturado para obter o entendimento do conceito de formação humana para os(as) professores(as) pesquisados(as), sua influência em suas formas identitárias e na condução das

aulas ministradas aos(às) discentes.

PALAVRAS-CHAVE: Educação, formação humana, identidade docente, escolas básicas.

ABSTRACT: This article intends to analyze the application of the concept of human formation in basic schools through teachers' reports from a state school in the city of Belo Horizonte, MG. First, a conceptual discussion about human formation was held. Then, a brief discussion was carried out on the identity and teachers' professional identity. In a third moment, to verify how the concept of human formation is applied by the researched teachers and their interference in the identity forms of this group. Finally, possibilities of changes and permanences in the formation that could improve the humanization of the education in the basic schools were pointed out. The methodology used was the memory narrative through a structured questionnaire to obtain an understanding of the concept of human formation for the researched teachers, their influence on their identity forms and the conduction of the classes given to the students.

KEYWORDS: Education, human formation, teaching identity, basic schools.

INTRODUÇÃO

O conceito de formação humana permeia as principais discussões dentro e fora dos

estabelecimentos escolares obstantes ao conceito de que as escolas devam ser o local de formação do indivíduo para o mercado de trabalho e à tendência dos últimos 30 anos das escolas focarem mais nos resultados de seus(suas) estudantes nos exames e avaliações externos do que no tipo de pedagogia que leve, efetivamente, à formação integral dos(as) discentes. Esse paradoxo: formação humana integral versus resultados quantitativos, aprovações e melhoria da nota no Ideb (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) acaba por atingir e afligir os(as) docentes, alterando suas identidades.

Ao mesmo tempo em que querem - e são cobrados(as) a trabalhar as principais dimensões da formação humana: trabalho, ciência, tecnologia e cultura – os(as) professores(as) também são responsabilizados(as) pelos resultados obtidos pelos(as) alunos(as) no Ideb e nos vestibulares/Enem. Neste ponto reside uma tensão entre discentes e docentes: mesmo com todos os esforços por parte dos(as) professores(as) em legitimar a construção do conhecimento necessário e exigido, através dos currículos, para resultados positivos na vida acadêmica dos(as) discentes e para os estabelecimentos de ensino, se os(as) alunos(as) não quiserem, não tiverem interesse ou não significarem esses conhecimentos, o processo não se completará. O fracasso escolar é um dos fatores de constituição e tensão das identidades docentes, uma vez que o trabalho do(a) professor(a) e, principalmente das escolas, só é temporariamente reconhecido se há promoção e sucesso por parte de seus(suas) alunos(as) na escola e “na vida”. Também é relevante destacar que cada indivíduo possui suas vontades e necessidades, que cada um prescreve, para si, o que almeja para o amanhã a partir das suas realidades e com os apoios que recebe, mas, entretanto, a escola é um local que molda e unifica o ensino, o que contribui, dessa forma, para que nem todos(as) os(as) estudantes se identifiquem e se sintam pertencentes ao ambiente.

SOBRE FORMAÇÃO HUMANA INTEGRAL

A formação humana se assenta na ideia da integralidade formativa do indivíduo, onde os aspectos humanísticos, científicos, tecnológicos e culturais estejam incorporados e integrados aos currículos. Essa mesma formação implica, ao mesmo tempo, uma competência técnica e compromisso ético na atuação profissional futura, pautada pelas transformações sociais, políticas e culturais necessárias ao erguimento de uma sociedade mais igualitária. Nesse horizonte, essa perspectiva de formação, como salienta Ciavatta (2005), sugere a superação da divisão social histórica do trabalho entre a ação do executar (operacional) e ação do pensar (intelectual). Busca-se com a formação humana o direito completo do indivíduo de atuar como cidadão e fazer suas próprias leituras da realidade, ou seja, necessita-se de uma compreensão de aprendizagem enquanto processo relacional, o que pressupõe determinadas condições entre sujeitos e saberes (CHARLOT, 2001).

Para a superação de uma educação/ensino que coloca a formação humana integral em segundo plano, precisa-se superar, também, o modelo socioeconômico atual – neoliberalismo – e suas estruturas excludentes que financiam um projeto político e social. Seu forjar vem da constituição da sociedade capitalista a partir do século XVII e encontra vozes na atualidade nas diferentes camadas sociais, justamente porque a organização das escolas colabora com a manutenção desse *status quo*.

Nessa seara contribui os pensamentos de Marilena Chauí sobre a sociedade brasileira atual, inserida no contexto da globalização, e a cultura do medo, que impõe e legitima as relações de poder em várias esferas da sociedade, onde a escola é, talvez, uma das mais poderosas instituições na manutenção do medo. Segundo a autora, a sociedade brasileira conheceu a cidadania através de um ineditismo: o senhor-cidadão, o que conserva a cidadania como privilégio de classe e faz concessões periódicas e regulares dessa cidadania às demais classes sociais. Acrescenta que esses indivíduos fazem da violência simbólica a regra da vida social e cultural, que é maior uma vez que o paternalismo e o clientelismo a torna invisível, naturalizando-a e, por vezes, exaltada como qualidade positiva do ‘caráter nacional’.

Em consonância com essa estrutura da sociedade brasileira atual está a estruturação do ensino, onde, principalmente no ensino médio, se percebe a desigualdade entre as classes sociais. Os(As) privilegiados(as) hierarquicamente na sociedade estão nas escolas privadas, cuja finalidade é aprovar seus(suas) alunos(as) nas universidades públicas em cursos melhores reconhecidos, o que reduz a formação humana à continuidade de estudos (unilateralidade). Outro pequeno grupo está nas escolas médias da rede federal, cuja finalidade de estudos é o nível técnico. A maioria dos jovens, e geralmente pobres, está nas redes estaduais num ensino propedêutico, que nem proporciona profissionalização e nem o academicismo. Fora isso há ainda milhões de jovens e adultos que nem sequer estão matriculados ou abandonaram os estudos. Ou seja, esses últimos grupos estão à margem do que é apregoado para a formação cidadã e de seus valores constituintes.

O surgimento do fenômeno *escola moderna* advém de uma matriz pedagógica elaborada no século XVII, sob a crença de que a aprendizagem é feita na escola e não mais na vida. Com isso, num longo processo, os grupos sociais são desapossados de suas competências e prerrogativas em que o aprender se dava fazendo e ao ver fazer, já que a aprendizagem da criança ocorria na participação direta nas atividades da família. A educação na modernidade vem transformar a criança em adulto produtivo, inserindo-a nas práticas econômicas e sociais numa ordem que se afirma pela competência e pelo mérito. Assim, o sujeito da educação é reduzido a aluno para que se possa operar sobre ele enquanto lugar da falta, através de discursos e práticas regulados pelo que Narodowski (1999) chama de *dispositivo das utopias educativas* e que vão dando forma à escola e a todos os envolvidos na cena educativa. (NICHES, p.3)

Acrescenta-se, aqui, o pensamento acerca das ideologias sobre as escolas nos fins do século XX e as dimensões sobre formação humana e para o mercado considerações por Niches (p.5):

Por volta dos anos 70/80 (do século XX) era fácil identificar críticas sobre a escola associadas a correntes ideológicas: a direita apontava a ineficiência da escola em atender às demandas sociais de preparação dos escolares para a vida produtiva e empresarial; já a esquerda, denunciava o caráter reprodutivista da escola sob a alegação de que esta não formava sujeitos críticos e autônomos, capazes de transformar a sociedade e lutar contra o sistema vigente.

Sendo assim, pode-se pensar na ideia de que a formação humana integral contribui para formar seres humanos sem medo, onde a desnaturalização é necessária para questionar o projeto liberal burguês de sociedade e como este naturaliza as relações e cria instituições para apoiá-lo e, por consequência, uma verdadeira formação humana poderá preservar e incentivar as diversidades humanas. Ampliam-se essas ideias com as considerações de Chauí sobre as lutas pelas conquistas da cidadania que estão ocorrendo no Brasil nas últimas décadas. A filósofa afirma que essas lutas e conquistas estão acontecendo em três níveis diferentes e simultâneos: o primeiro como exigência de se estabelecer uma ordem legal do tipo democrática, referindo-se ao direito de representação política. O segundo no estabelecimento das garantias individuais, econômicas, culturais, sociais e políticas delineando o estado de direito e sua conservação, e o terceiro no estabelecimento de um novo modelo econômico com redistribuição mais justa da renda nacional, desfazendo a excessiva concentração de renda e na garantia efetiva de participação dos menos favorecidos nas decisões que os afetam diretamente.

Na relação entre cidadania e formação humana, pode-se dialogar com Cury (2009) e Bauman (2005). Cury enfatiza que os conceitos de cidadania e nação são construções históricas e que, somente em um mundo globalizado, onde se ponha ênfase ao que é comum à espécie humana, é que a cidadania e a formação humana dar-se-ão de forma plena.

Para chegar a essas afirmações, Cury passa pelo conceito de formação humana da democracia da Grécia Antiga, onde essa formação só era possível se garantida a expressão e participação do indivíduo na vida política da *pólis*, ou seja, o cidadão tinha um dever para com a cidade e para consigo, onde a realização completa do ser humano é a cidade e seu sentido humano se contempla na educação para o exercício da participação nos destinos da *pólis*.

O autor aponta, também, o modelo de formação humana medieval, centrado na relação adequada entre os poderes secular e religioso. Através da autoridade da Igreja, forjava-se as autoridades principescas e a constituição da formação humana: as leis divinas, as naturais e as positivas (Igreja, família, Estado). Cury aponta também que, mesmo após o enfraquecimento político da Igreja Católica no início da Idade Moderna e o fortalecimento dos Estados modernos, que apresentarão outro constitutivo de formação humana, a formação dos indivíduos ainda precisa do caráter religioso, onde justifica a manutenção da disciplina de Ensino Religioso nas escolas laicas na atualidade.

Cury, ao construir o conceito de formação humana dos Estados modernos,

erguido a partir dos séculos XVII e XVIII, demonstra que as ideias de comunidades locais e poderes políticos embasados em fundamentos ético-religiosos, darão espaço para o conceito de indivíduo através do estado contratual, base do poder dos Estados modernos. Auxilia-se a essa ideia, os pensamentos de Bauman (2005) sobre a construção das “identidades nacionais” nos Estados modernos. Elas eliminam as “identidades locais/comunitárias” em nome do projeto de nação, de democracia e de cidadania. O pertencimento e a subordinação incondicional perpassam pela ideia deste Estado como defensor dos direitos naturais dos indivíduos e um desses direitos é o da formação humana. Aqui nasce outro sentido da formação humana. O indivíduo deve ser formado para apropriar-se dos conhecimentos necessários para si e para uma inserção racional no mercado contratual (CURY, 2009). Nesse caminho, a escola constituída por este modelo de estado é reconhecida e se reconhece como um importante meio para a formação do indivíduo e de sua consciência, onde, neste espaço social, poderá absorver e dominar os conhecimentos fundamentais para sua inserção no mundo do trabalho, para interagir com seus pares e para alcançar a cidadania.

Finalizando essa discussão, mas sem a possibilidade de esgotá-la, dialoga-se com as importantes considerações de Neidson Rodrigues sobre o conceito de formação humana, principalmente no entendimento do papel das escolas sob essa formação. Primeiramente, ressalta-se a crítica que faz à concepção de que os processos escolares atuais são os fins e os meios de toda a Educação: O Ser Humano, por não receber qualquer determinação por natureza, pode construir o seu modo de vida tendo por base a liberdade da vontade, a autonomia para organizar os modos de existência e a responsabilidade pela direção de suas ações. Essa característica do ser humano constitui o fundamento da formação do sujeito ético (RODRIGUES, 2001), o que pode ser, nas reflexões de Rodrigues, o futuro (e o presente) da escola/educação.

O autor destaca que o processo formativo do ser humano varia conforme as organizações dos Estados nos diversos momentos da história e também como o vínculo entre Educação e ação formadora do ser humano variou entre os estados num mesmo determinado período histórico.

A ação educativa é um processo regular desenvolvido em todas as sociedades humanas, que tem por objetivos preparar os indivíduos em crescimento (crianças e adolescentes) para assumirem papéis sociais relacionados à vida coletiva, à reprodução das condições de existência (trabalho), ao comportamento justo na vida pública e ao uso adequado e responsável de conhecimentos e habilidades disponíveis no tempo e nos espaços onde a vida dos indivíduos se realiza. (RODRIGUES, 2001, p. 235).

Esse vínculo formativo é essencial na constituição do habitante dessas sociedades, e todas as instituições sociais concorrem nesse processo de formação. O ato educativo prepara os indivíduos para a vida social, preparando esses para o exercício da cidadania, independentemente do modelo de cidadania aplicado, o que nos faz concluir que os sentidos da formação humana dependem de quem a opera, gerando diferenciadas formações humanas. Desse modo, explicitar esses conceitos

(formação humana e cidadania) “demonstra a opção do modelo de sociedade, de organização social, de identidades históricas e de projetos de futuro em que eles estão considerados”. (RODRIGUES, 2001, p. 237). Ou seja, “após o seu nascimento e até sua adolescência devemos lhes fornecer os meios –que são externos – para que desenvolvam sua capacidade intelectual, afetiva, psíquica e moral”.(RODRIGUES, 2001, p. 242).

Portanto, a Educação visa à formação dos indivíduos em ações cooperativas, de inserção e de respeito às diversidades em luta por suas necessidades básicas, o que leva ao entendimento de que somente pela ação escolar, os indivíduos adquirem os elementos e saberes essenciais para a vivência em sociedade. Os saberes repassados pela escola são considerados cernes da inserção na cidadania e na vida política, o que alija desse processo aqueles que não passaram pela escola. Esse viés é um ponto crítico à nossa sociedade atual, pois desconsidera as formações advindas das outras instituições sociais. Sob esse aspecto, Rodrigues contribui muito sobre o que pode vir a ser (e está sendo) o futuro da escola:

Na medida em que os meios e as formas tradicionais de Educação (Família, Igreja, Estado) acham-se corroídos, começam a ser direcionados para a Escola os olhares dos povos, na esperança de que exerçam uma função Educativa e não apenas de Escolarização. (...) As crianças serão enviadas para a Escola cada vez mais cedo e nela permanecerão por um tempo mais extenso. E isso não será porque há um mundo novo de informações a ser processado e, sim, porque a Escola deixará de exercer o tradicional papel das famílias, das comunidades, da Igreja, e ainda, o que lhe é próprio: desenvolver conhecimentos e habilidades. Ela deverá se ocupar com a formação integral do ser humano e terá como missão suprema a formação do sujeito ético. (RODRIGUES, 2001, p. 254).

SOBRE IDENTIDADE(S) E IDENTIDADES DOCENTES

A atuação dos(as) professores(as) na sua atividade profissional ocorre em determinado contexto histórico-sociocultural e em dados contextos interpessoais e relacionais. O sujeito docente se constitui não somente na formação inicial e continuada, mas também por sua atuação cotidiana. E essa formação se reflete em sua prática em sala de aula e nas relações com os colegas de trabalho e fora do ambiente do emprego. Para buscar entender a constituição dessas identidades docentes, far-se-á, primeiramente, um levantamento conceitual do que é identidade(s) na sociedade contemporânea.

Para Bauman (2005), a sociedade atual vive o “*problema da identidade*”. A globalização que afetou as estruturas estatais, as condições de trabalho, as relações entre os Estados, a subjetividade coletiva, a produção cultural, a vida cotidiana e as relações entre os indivíduos. Logo, as pessoas hoje buscam constantemente se identificar com algo, e a efemeridade dos produtos acabou se transpondo para o campo das relações pessoais, gerando diversas identificações possíveis ao sabor das

necessidades momentâneas. “Em nossa época líquido-moderna, em que o indivíduo livremente flutuante, desimpedido, é o herói popular, “estar fixo” – ser ‘identificado’ de modo inflexível e sem alternativa – é algo cada vez mais malvisto”. (BAUMAN, 2005, p. 35).

Ao buscar se identificar com algum grupo, criar seu pertencimento, compreende-se as ambivalências da constituição identitária: a nostalgia do passado conjuga-se em total conformidade com a “modernidade líquida”. Coaduna com essa ideia as afirmações de Hall (2003) sobre a identidade cultural na pós-modernidade. Essa se tornou difusa devido às mudanças estruturais transformadoras da sociedade atual. Hall aponta para uma fragmentação das paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que antes eram sólidas referências para o pertencimento dos indivíduos na sociedade. Logo, a identidade é um processo contínuo de redefinir-se e de inventar-se, uma busca incessante pelo pertencer e, por isso, é algo inacabado e inconcluso, assim como o sujeito, sendo constantemente criada e recriada.

Corroborando com essas crenças as afirmações de Dubar (2005) sobre a composição da identidade profissional: identidade de si (imagens identitárias), identidade para outrem (reconhecimento identitário) e identidade como produto (dinâmicas identitárias), ou seja, os(as) docentes visam, atribuem e assumem determinadas posturas em busca do reconhecimento e pertencimento no grupo profissional em que está inserido. Suas imagens identitárias passam pelas suas experiências pessoais dentro de suas famílias e nas escolas. Muitos(as) professores(as) afirmam, principalmente os que estão no início da carreira, que as lembranças das atuações de seus(suas) docentes na escola básica são importantes referenciais nas suas atuações em sala de aula e na relação com os(as) alunos(as), contribuindo para sua identificação como profissional da educação. O seu caminhar na carreira profissional vai moldando o tipo de identidade que o(a) docente quer/precisa ter em relação aos(às) colegas de trabalho (onde nas trocas de experiências, se altera e se constrói a identidade). Acrescenta-se, nesse processo, o reconhecimento e valorização social da profissão, complementando o produto nomeado identidade docente.

A esse caminho formativo, contribui as verificações das fases do ciclo de vida dos professores propostas por Huberman (1995). Esse pesquisador estabelece fases do desenvolvimento da carreira docente, que são: a entrada na carreira, a fase de estabilização, a fase de diversificação, serenidade e distanciamento afetivo e desinvestimento. Logo, o conceito de desenvolvimento profissional é coerente quando pensamos no(na) professor(a) como profissional do ensino. Além disso, esse conceito visa romper com a tradicional fragmentação entre formação inicial e continuada, passando a ideia de evolução e continuidade ao longo da carreira.

A identidade é o entendimento de um processo socialmente construído de um sujeito situado em determinado período histórico e geográfico. Em se tratando da identidade profissional, esta é constituída baseada na significação social da profissão, em seu fluxo histórico e em suas tradições e contradições. A profissão docente, assim

como outras profissões, surge num contexto como resolução às necessidades postas pela sociedade, constituindo-se num corpo organizado de saberes e um conjunto de normas e valores (BENITES, 2007).

Sendo assim, a identidade profissional docente (o “ser professor[a]”) ocorre num longo processo construtivo, pois é necessário tempo para assimilar a formação, compreender e aprender como agir, tomar decisões e para se reconhecer como formador de futuras gerações, principalmente. Essas experiências individuais e profissionais que formam as identidades docentes estão envolvidas, segundo Mockler (2011) em três dinâmicas: o ambiente externo da política, o contexto profissional e a experiência pessoal. Cada qual dessas dinâmicas apresenta condutas diferenciadas do(a) professor(a), resultando num melhoramento qualitativo da compreensão e envolvimento de si mesmo, das esferas políticas e do campo de atuação laboral.

Por fim, mas, novamente, sem a possibilidade de esgotamento do tema, têm-se as contribuições sobre as identidades profissionais de Marcelo (2009) que podem ser inseridas nessa dialética. O autor aponta que essas se constituem como uma interação entre a pessoa e suas experiências individuais e profissionais. No caso das experiências individuais, são relevantes as questões socioculturais, socioeconômicas, étnicas, de gênero, religiosas, de acesso aos bens materiais e culturais da sociedade e de estrutura de formação acadêmica dos progenitores. No caso das experiências profissionais, são relevantes as questões de identificação de/no grupo, reconhecimento social, contexto socioeconômico-histórico em que está inserido o docente, valorização profissional e social e o impacto das reformas educacionais na trajetória de vida desses docentes. Vale salientar que as identidades docentes são mutáveis e têm relação direta com o contexto social em que estão inseridas.

Em relação às multifacetadas identidades docentes, Marcelo (2009) elenca características sobre a identidade profissional docente:

- a. As identidades profissionais é um processo evolutivo de interpretação e reinterpretção de experiências, uma noção que coincide com a ideia de que o desenvolvimento dos professores nunca para e é visto como uma aprendizagem ao longo da vida.
- b. As identidades profissionais envolvem tanto a pessoa, como o contexto. As identidades profissionais não são únicas. Os professores se diferenciam entre si em função da importância que dão às características, desenvolvendo respostas ao contexto.
- c. As identidades profissionais docente são compostas por subidentidades mais ou menos relacionadas entre si. Essas têm relação com os diferentes contextos nos quais os professores se movimentam e, quanto mais importância tem uma dessas subidentidades, sua modificação é mais difícil.
- d. As identidades profissionais contribuem para a percepção de autoeficácia, motivação, compromisso e satisfação no trabalho dos docentes. As identifica-

des são influenciadas por aspectos pessoais, sociais e cognitivos.

Em relação à primeira característica, percebe-se a importância de aprofundar seus estudos na área de atuação, e/ou como os anos de prática, altera(ra)m a exposição e dinâmica das aulas ministradas e interfere(m) na sua identidade como professor(a). Nesse caso, também, podem-se analisar, na construção de sua identidade profissional, as escolhas ao longo da carreira.

Em relação às segunda e terceira características as identidades dos(as) professores(as) podem variar de acordo com suas experiências pessoais, o local de sua formação inicial, a rede de ensino em que está inserido (municipal, estadual, federal e privada – ainda mais devido ao fato de cada rede possuir políticas públicas diferenciadas – e/ou em mais de uma rede de ensino concomitantemente) e as classes sociais atendidas. Acrescenta-se que, por ser o Brasil um país de dimensões continentais, as identidades deverão variar conforme os locais geográficos de atuação, uma vez que o país possui múltiplas culturas e necessidades locais e regionais, e identidades que sofrerão variações dentro da mesma cidade e unidade federativa, por causa dos diversos fatores que influenciam a pessoa do(da) professor(a), como gênero, etnia e origem ancestrais.

A essas duas características contribuem, também, as ponderações sobre os saberes docentes e formação profissional de Tardif (2003), ao expor as possibilidades de ressignificação dos processos de profissionalização através de uma identidade profissional com a profissão docente. As variáveis possíveis diante do gigantismo territorial brasileiro atrelado às suas diferenças regionais, econômicas, culturais e sociais, em conversa com as reflexões de Tardif, contribuem para a compreensão das relações humanas, que são características do trabalho docente.

Por fim, em relação à quarta característica vimos que as identidades docentes são dinâmicas e variam ao longo do tempo devido a diversos fatores de ordem pessoal, socioeconômico, cultural, territorial, histórico e de desenvolvimento tecnológico.

SOBRE A APLICAÇÃO DO CONCEITO DE FORMAÇÃO HUMANA E SUA INFLUÊNCIA NA(S) IDENTIDADE(S) DOCENTE(S)

Por meio da narrativa de memória, buscou-se, num microcosmo, entender como o conceito de formação humana está inserido na prática docente e sua relação com as identidades dos(as) profissionais selecionados(as). Tendo como base um conjunto de perguntas e a ressalva de que deveriam ser respondidas com base no entendimento primário das mesmas, a intenção foi justamente visualizar o entendimento e a discussão, na formação profissional, do que é formação humana e sua apreensão pelos indivíduos, além da sua aplicação na formação das novas gerações e como os saberes sobre formação humana influenciam, singularmente, as formas identitárias dos(as) profissionais.

A escola escolhida possui 48 profissionais no quadro docente, 03 profissionais de atendimento educacional especializado (AEE), 03 supervisores/orientadores, 02 vice-diretoras, 01 diretora e atende alunos(as) dos anos finais do ensino fundamental e do ensino médio. Para o levantamento empírico qualitativo para a escrita desse texto, foram recolhidas as observações de 08 professores(as) das quatro áreas de conhecimento do currículo (Ciências Humanas, Ciências da Natureza, Linguagens e Matemática); 02 professoras AEE (Auxiliar de Educação Especial) e de 01 vice-diretora.

Sobre o conceito de formação humana, a maioria dos(as) profissionais ressaltou a formação do sujeito para a vivência em sociedade, portador de deveres e direitos e que, a escola, contribui nessa formação ao transmitir saberes científicos e conhecimentos importantes para essa inserção. Ressalta-se, também, que a maioria dos(as) professores(as) entendem que a escola possui um dever formativo e contributivo na formação dos valores morais e de cidadania dos públicos que atende.

Como educação e formação humana entendo que, somos nós educadores atuando na formação do indivíduo como ser pensante, crítico, responsável, capaz de reconhecer tanto deveres como direitos. (KCMPS/MAT/EM).

A educação é necessária para que o Homem seja constituído. O ato de formar o ser humano se dá tanto de fora para dentro, quanto de dentro para fora, em uma perspectiva de construção de um sujeito crítico, reflexivo, participativo e ético. (JR/LP/EM).

Acredito que educação é o ato ou efeito de se passar uma educação formal de forma tradicional, ou não, para o indivíduo. No entanto é passado, para o mesmo, o conhecimento histórico e cultural. Já a formação humana passa por um desenvolvimento humano, ou seja, através dos conhecimentos sociais, éticos, etc., principalmente trabalhando valores humanos. Para tanto, a educação e a formação humana se fazem necessários para capacitar este indivíduo a transformar o seu meio. (ACSB/AEE/EF2).

Educação e formação humana são complementos entre si. Na minha opinião, educação é a formação de valores humanos, religiosos e sociais que recebemos primeiramente dentro da família. Formação humana, recebemos durante toda a vida, e dentro da escola, através das disciplinas oferecidas aos alunos. (PSC/LP/EF2/EM).

Outro questionamento aos(às) profissionais da escola foi o contato com o tema formação humana durante sua formação (inicial e continuada). Nesse quesito, os(as) entrevistados(as) foram enfáticos(as) em afirmar que as discussões sobre formação humana estão muito presentes durante a graduação (principalmente nas disciplinas da Licenciatura), nos eventos como Congressos, Seminários e Palestras e na formação continuada (pós-graduação). Essas discussões durante a formação são consideradas, pelos(as) entrevistados(as), de suma importância para a atuação em sala de aula através dos conceitos fundamentais da educação e formação humana.

Esse tema é amplamente debatido em todas as disciplinas durante todo o curso. Na Educação Física é levado muito a sério. Nosso objeto de estudo é o corpo

humano em movimento e, para movimentar-se, o ser humano se choca com outros seres, e essa interação tem que ser trabalhada, pesquisada e melhorada em todos os aspectos no que concerne ao relacionamento humano. (MTS/EDF/EF2). Sempre o conceito de formação humana esteve presente, principalmente nas matérias ligadas a psicologia da educação e didática. (DSO/MAT/EF2).

Dois(Duas) entrevistados(as) salientaram que o conceito de formação humana vai além da formação para as atividades profissionais e que os outros meios sociais de interação são importantes fontes para a elaboração do que entendem sobre o tema, remetendo a uma afirmação de Paulo Freire: “quanto mais me capacito como profissional, quanto mais sistematizo minhas experiências, quanto mais me utilizo do patrimônio cultural, que é patrimônio de todos e ao qual todos devem servir, mais aumenta minha responsabilidade com os homens” (Freire (1979, p. 20).

No decorrer da vida a gente passa por transformações, se tornando mais cidadãos ou mais humanos, independente de palestras ou curso de graduação. É um caminho que percorri e contínuo a percorrer. Aprender coisas novas com pessoas experientes e sábias é uma construção que procuro para aprimorar meu intelecto e minha moral. Mas, aprendi (aprendo) muito assistindo a palestras edificantes, fazendo cursos e observando as pessoas. (VLVG/AEE/EF2).

Não posso dizer que esse conceito tenha sido adquirido em algum lugar específico, pois meus vinte e seis anos de magistério, graduação e pós-graduação, palestras, seminários, discussões entre colegas e leituras fazem parte dessa construção. (CLLB/VD/EF2).

Sobre a aplicação do conceito de formação humana no processo educativo dos(as) jovens atendidos(aS) pelo grupo pesquisado através da regência em sala de aula e no ambiente escolar, as respostas são mais diferenciadas. Algun(ma)s professores(as) enfatizaram mais a demonstração de como os conteúdos e conceitos transmitidos em sala são importantes para os processos cotidianos; outros(as) profissionais destacaram a adequação do currículo e de seus assuntos à realidade de meio que vive o público atendido e alguns(mas) professores(as) sublinharam que, para uma formação humana na educação escolar, a participação dos(as) alunos(as) nas aulas ministradas são de extrema importância, construindo significados e ressignificando outros.

Cada aluno é um indivíduo e como tal se comporta de maneira diferente, dentro de uma sala de aula cada pessoa reage de uma maneira diferente. Entender que dentro de uma mesma situação vamos encontrar reações diferentes e saber lidar com essas reações de forma a acrescenta de maneira significativa na vida do aluno é a maneira que encontro para aplicar a formação humana. Mostrar que a matemática tem a sua aplicação no mundo prático de modo a contribuir para resolução de situações problemas é aplicar a formação humana. (DSO/MAT/EF2).

A aprendizagem é necessária não de forma unidirecional. Durante as aulas busco aproximar o conteúdo à realidade e ao meio que estão inseridos. A transmissão de novos saberes haverá de maneira participativa (através de perguntas, indagações, dúvidas) e com compartilhamento de suas vivências. Isto gera a construção do seu próprio saber e respostas às suas indagações. (DFB/CIEN/BIO/EF2/EM).

Através de discussões em sala de aula referentes a direitos e deveres de cada cidadão. Expondo as formas de dominação capitalistas. Permitindo que o aluno

expresse sua opinião durante as aulas e paralelamente argumento e exemplifico determinados assuntos. (ACR/GEO/EM).

Ao sondar os conhecimentos prévios dos estudantes, bem como compreender suas perspectivas e expectativas em relação ao ensino escolar, busco disponibilizar ferramentas a eles para que possam ampliar seus conhecimentos e encontrar formas de utilizá-los em seu cotidiano, compreendendo a Escola como base para a vivência cotidiana e sua responsabilidade na construção de uma sociedade melhor. (CLLB/VD/EF2).

Uma das falas dos(as) profissionais pesquisados(as) chama atenção por sua relação com as considerações já citadas anteriormente, de Rodrigues (2001), acerca do futuro/atual papel da escola e de seus(suas) profissionais em searas que, anteriormente, pertenciam a outras instituições sociais e profissionais:

Primeiramente tento conhecer a realidade do aluno e o meio em que ele vive, pois acredito que cada ser é uno, por isso não existe uma única forma de chegar até ele. Acredito que todo educador é meio pai/mãe e psicólogo. Acredito, também, que a educação e a formação humana devem passar pela afetividade. (ACSB/AEE/EF2).

Por fim, mas não menos importante, tem-se as memórias desses(as) profissionais em relação à influência do conceito de formação humana em suas identidades docentes, ou como pronuncia Dubar (2005), formas identitárias. As formas identitárias desses(as) docentes são influenciadas por esse conceito ao entenderem que participam na construção das identidades dos(as) alunos(as), possibilitam sonhos, formam para atuação participativa e cidadã. Esses(as) professores(as) entendem a importância do papel social de sua profissão para a inserção das futuras gerações no seio da sociedade, ressaltaram como a convivência com esses(as) alunos(as) alteram suas formas de enxergar o mundo e de como agir e se posicionar enquanto profissionais da Educação.

Está ligado diretamente à interpretação social de minha profissão, numa relação com projetos educacionais e entendendo a escola não como um espaço aleatório, mas um cenário onde a objetividade se faz presente. (JR/LP/EM).

A formação é uma valorização do ser como um todo e não apenas o intelectual. Temos em mão a dura missão de inserir na sociedade cidadãos formadores de opiniões, participativos e críticos, e não simplesmente máquinas programadas a operar determinadas funções. Buscar o conhecimento, acompanhar as mudanças, ser flexível. (DFB/CIEN/BIO/EF2/EM).

Acredito que como trabalhamos com todos os tipos de alunos, de todas as classes, etnias e religiões, a formação humana e a educação se integram. É importante trabalhar com a diversidade, com a pluralidade do ser. (PSC/LP/EF2/EM).

Somos formadores de opinião, preocupados com a integridade, respeito e cobrando todos esses princípios de cada indivíduo e não só deixar pra lá, mostrar que nos importamos. (KCMPS/MAT/EM)

Observando e refletindo sempre sobre todos os acontecimentos que nos abordam diariamente e tirando para vivência que tenho em sociedade escolar e de modo em geral. Procurando me espelhar nas boas e belas ações que surgem em meios a tantos tropeços que acontecem na minha vida e na vida das outras pessoas.

Todos os dias também acontecem belas e boas coisas nesse mar de corrupção e injustiças. Muitos exemplos de força de vontade e superação estão sempre surgindo.(VLVG/AEE/EF2).

Influencia completamente, pois sei da responsabilidade da minha profissão e tento buscar cada vez mais estratégias para que eu possa saber lidar com as adversidades, as quais, nos dias de hoje são verdadeiramente desafiadoras. (ACSB/AEE/EF2).

Nessa seção, ressalta uma das falas, que transmite uma sensação de muitos(as) profissionais da educação em relação à formação humana e sobre as influências que as escolas recebem na atualidade:

Me sinto aflita ao perceber que a cada dia a educação escolar se distancia cada vez mais de formar seres humanos capazes de produzir as condições de reprodução da vida e das formas sociais de modo autônomo e ao mesmo tempo individualizado. Porém vários entraves (dentro da instituição escolar e fora dela) durante o percurso do aluno prejudicam o processo de formação de cidadãos conscientes e livres. Por vezes me sinto incapaz de desconstruir certas ideias contrárias as noções de bem coletivo e isso me deprime.(ACR/GEO/EM).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através das narrativas de memória desses(as) profissionais dessa específica escola do município de Belo Horizonte, pode-se perceber que o conceito de formação humana é bem presente nos saberes docentes e nas práticas pedagógicas cotidianas e nos seus processos formativos, o que influencia, significa e ressignifica suas formas identitárias. Os(As) entrevistados(as) comunicam que as discussões acerca do papel do docente na formação das futuras gerações, pautados nas relações de deveres e direitos e participação ativa na cidadania - elementos chaves da formação humana - estão/são presentes nos processos formativos inicial e continuado. Acrescentam, também, a bagagem formativa fora do ambiente profissional, vinculados às suas histórias de vida.

Esses(as) profissionais entendem a formação humana como elemento essencial em suas práticas em sala de aula e como norteador da transmissão dos conhecimentos exigidos nos currículos, adequando-os às realidades de cada educando e trazendo sentido e significações às realidades de vida desses, o que dialoga com os principais teóricos do tema.

Além disso, por suas narrações, percebe-se como o conceito de educação e formação humana perpassa por suas formas identitárias individuais e coletivas. As identidades docentes são alteradas, assumidas, ressignificadas, constituídas e reconstituídas ao longo da carreira. As discussões sobre formação humana nos processos formativos desses(as) profissionais e as realidades vivenciadas na escola e fora dela (seus meios sociais, territoriais, familiares e de classe, dentre outros) formam um caleidoscópio donde esses(as) profissionais se adequam às diversas realidades: de cada sala de aula, de cada discente, a cada ano de trajetória profissional.

Dessa forma, se percebe que os cursos de formação de professores(as) estão engajados na proposição de formar profissionais para atuarem de forma a transmitir os conhecimentos necessários e exigidos pela conjuntura social contemporânea sem perder o lado ético, moral e de participação e formação cidadã, mesmo que, ressalvase, os diferentes sistemas de ensino em que esses indivíduos irão atuar, enfoquem em maior ou menor grau uma das duas atuações, o que, claramente, altera e ressignifica as formas identitárias dos(as) docentes.

Por fim, enxergar-se, também, que, mesmo com a presença significativa do conceito de formação humana nos cursos de licenciatura e nas formações continuadas, ainda se precisa dar mais ênfase às diversas modalidades de ensino para que os(as) docentes possam atuar de forma melhorada e mais influente de acordo com o público atendido. Percebe-se, aqui, a pouca informação e discussão nas licenciaturas para a atuação específica na Educação de Jovens e Adultos (EJA) e os poucos estudos sobre as propostas pedagógicas de Paulo Freire para essa modalidade e, acrescentam-se, suas contribuições também para as outras modalidades de ensino. As propostas pedagógicas de Paulo Freire contribuem, e muito, para esse processo de educação e formação humana, mas, nem sempre, suas indagações e proposições são discutidas e aprofundadas nos cursos de licenciatura.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BENITES, L. C. **Identidade do professor de Educação Física: um estudo sobre saberes docentes e a prática pedagógica**. 2007. 199f. Dissertação (Mestrado em ciência da Motricidade). Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro-SP, 2007.

CHARLOT, B. **Os jovens e o saber: perspectivas mundiais**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

CHAUÍ, M. **Direitos humanos e medo**. In: <http://www.dhnet.org.br/direitos/textos/humanismo/chau.html>. Acesso: 10/02/2019.

CIAVATTA, M. **A formação integrada: a escola e o trabalho como lugares de memória e de identidade**. In: RAMOS, M.; FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, M. (Orgs.). **Ensino médio integrado: concepção e contradições**. São Paulo: Cortez, 2005, p. 83-105.

CURY, C. R. J. **A Educação e os Sentidos da Formação Humana**. Revista inter-Ação, UFG, v. 34, n. 1 (2009).

DUBAR, Claude. **A socialização: construção das identidades sociais e profissionais**. Tradução de Andréa Stahel M. da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FREIRE, P. **Educação e Mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

_____. **Educação como Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2003.

HUBERMAN, M. **O ciclo de vida profissional dos professores**. In: NÓVOA, A. (org.). **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, 1995, p. 31-61.

MARCELO, Carlos. **A identidade docente: constantes e desafios**. *Form. Doc.* Belo Horizonte, v.01, n.01, p. 109-131, ago./dez. 2009. Disponível em: <http://formacaodocente.autenticaeditora.com.br>.

MOCKLER, Nicole. **Beyond 'what words': understanding teacher identity as a practical and political tool**. *Teachers and Teaching: Theory and Practice*, v.17, n.5, p. 517-528, oct. 2011.

NICHES, C. C. **Significado do mal-estar docente entre professores de História**. Disponível em: http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2010/Historia_da_Educacao/Trabalho/07_38_16_SIGNIFICADOS_DO_MAL_ESTAR_DOCENTE_ENTRE_PROFESSORES_DE_HISTORIA.PDF. Acesso: 19/06/2016

RODRIGUES, N. **Educação: da formação humana à construção do sujeito**. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 22, n. 76, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v22n76/a13v2276.pdf>>

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-476-4

